



VILLARES

ANNO III 6
NUMERO 04
PREÇO: 1.000 R.S

REVISTA ^DA CIDADE

—Nosso “Excellenlissimo Senhor Doutor”

“NÃO, não é o Presidente da Republica, diz Stellinha. E' apenas o nosso medico, o Dr. Pedro Calvo. Papae o trata de vez em quando de “Vossa Excellencia” porque, diz elle: “és o medico e amigo mais ‘excellente’ deste mundo.” — Perfeitamente, disse outro dia o Dr. Pedro, mas isto não me adianta quando eu chegar no ceu. . . ?—Não sabem vocês que vou-me vêr em apuros quando lá chegar?—Porque Dr.? — Quando São Pedro perguntar: “quem ‘stá ‘hi?” e eu lhe responder: “sou eu, Pedro Calvo,” ha de pensar S. Pedro que eu esteja zombando e ‘fazendo pouco delle.”



SEU campo de actividade não são as clinicas luxuosas nem as salas solemnes de cirurgia; a sua acção é nos lares. Diariamente visita-os, distribuindo consolo e allivio, com a sollicitude de um verdadeiro pae.

Quando se trata de dôres de cabeça, de dentes, de ouvido, nevralgias, etc., elle receita, invariavelmente,

CAFIASPIRINA

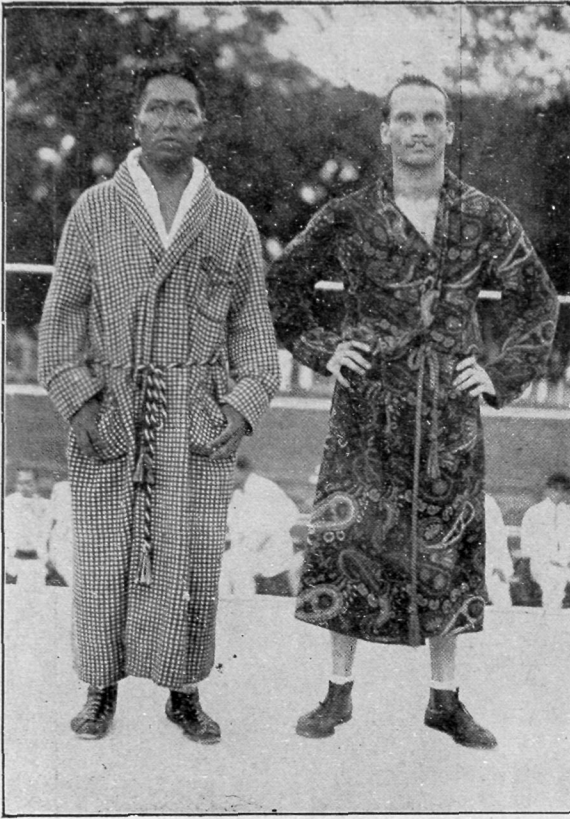
sabendo que esse remedio não só dá allivio rapido e restaura as forças deprimidas pela dôr, como jamais põe em perigo a saude dos clientes, porque a Cafiaspirina não affecta o coração nem os rins.

E o Dr. Pedro Calvo está sempre repetindo com um benevolô sorriso por baixo do seu bigode grisalho: “á meia noite é que apparecem as bruxas e as dôres. Ora, á meia noite as pharmacias estão fechadas; por isso é preciso ter sempre em casa agua benta contra as bruxas e Cafiaspirina contra as dôres.”

CAFIASPIRINA é o analgesico do lar. Os medicos a receitam com enthusiasmo e todo o mundo a toma com absoluta confiança, para as dôres de cabeça, dentes e ouvidos; as nevralgias, as consequencias de noitadas, excessos alcoolicos, etc.



Na proxima vez Stellinha lhes apresentará o carinho de sua vida, o “amor de seus amores”—a sua Babá. E' a mais humilde, porém, a mais encantadora da casa. Não deixem de conhecê-la!

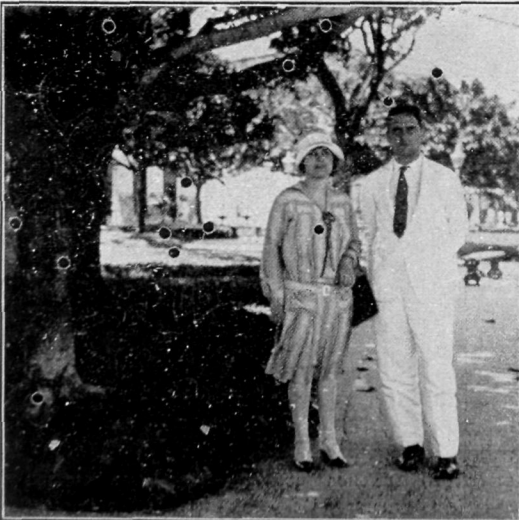


Dario letona e Tavares Crespo, vencido e vencedor do ultimo encontro de box realizado nesta cidade

As inglezas foram tidas em todos os tempos como creaturas

de uma simplicidade impressionante.

Mesmo no trajar as



O casal Theophilo Leão de Moura em passeio pelo Ceará

inglezas mostraram-se sempre muito desapagadas da moda — chapéus singelos, vestidos escorridos, calçados muito commodo, com salto baixo, etc.

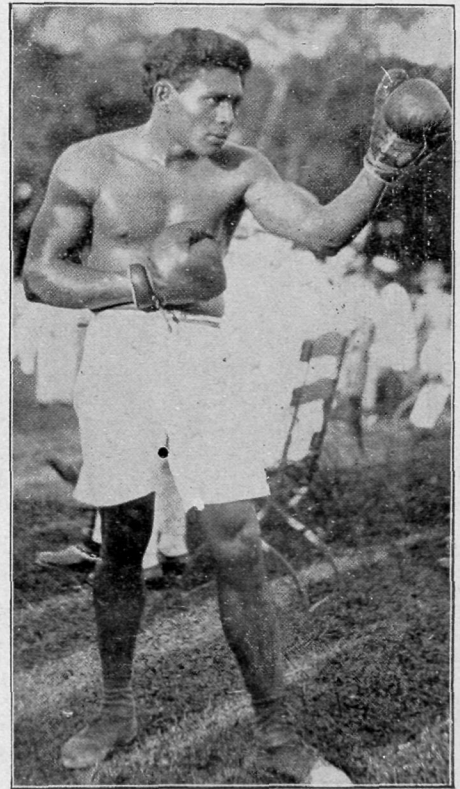
Os inglezes sempre se revelaram superiormente indrfferentes a tudo e a todos: dentro delles mesmos, o resto do mundo e os pareceres dos demais homens, tudo lhes era alheio.

A moda, que sae de Paris para ser reprodu-

a menor influencia no inglez, que, friamente contemplava os vestidos, chapéus e calçados da França... Até o seu perfumista Atkinson, com a Victoria, e outras essencias, o inglez collocava, então, acima de Gallet, de Guerlain, de Houbigant, e mais modernamente de Coty.

Mas tudo muda.

E vemos agora as inglezas preocupadas com as pinturas, que levam a todos os excessos.



O pugillista pernambucano que venceu, domingo, ao campeão carioca.

zida com maior ou menor exaggero em quasi todos os paizes da Europa, e em todas as Americas; a moda franceza que é a unica coisa que domina, empolga, bestializa o norte-americano e a norte-americana, não exercia

Só em 1927 a Allemanha vendeu para a Inglaterra nada menos de 170 toneladas de pó de arroz, rouges e battons.

SILHUETAS E VI-SÕES interessa a todos



Senhora
Wladimir Reis,
 de nossa sociedade, cuja festa
 natalicia decorreu nesta semana

SSO ocorrerá dentro de pouco tempo. Um consortium britannico está tratando de adquirir o monopólio da exploração do mar mais salgado do mundo. De facto, este mar contém

25 % de materias salinas, ao passo que apenas se póde retirar 8 % dos oceanos ou do Mediterraneo.

O Imperio britannico soffre actualmente uma verdadeira crise de ma-

terias chimicas. A Alemanha detem o monopólio, de facto, para a produção e venda de seda e de potassa. Desejosos de libertar-se dessa tutela, os industriaes ingleses não hesi-

taram em emprezar enormes capitais na secagem do lago Asphaltite. Uma estrada de ferro o ligará ao littoral, onde Jaffa está destinada a se tornar o primeiro porto da Palestina.



Quatro lindas bonecas do ultimo carnaval

é essencialmente um passatempo oriental. E não somente as crianças se distraem a equi-
brar-o nos ares: antigas

miniaturas e gravuras de hoj: mostram-nos letrados, mandarins, e até imperadores ama-
rellos, embebidos nesse

prazer innocente de fa-
zer navegar no mar azul do céu essa vela inquieta de papel ou de seda, ás vezes com a

fôrma de um simples aeroplano, imitando ani-
maes fabulosos e figu-
ras humanas.



Enlac. Olga Santino Jorge — Orlando Silva



Enlace Carmelita Mello —
Mariano Farias

UM POUCO DE CINEMA



Esther Ralston e Richard Arlen,
da Paramount.

MARIETTA Millner, a inteligente e linda "estrella" que é uma das mais recentes aquisições feitas pela Paramount, allia á sua qualidade de interprete cinematographica a de ser tambem uma "globetrotter" de marca, pois, apesar de joven, gaba-se de já haver percorrido tres das cinco partes do mundo. Assim é que esteve ella no Japão, no Canadá, na Argentina, na India, na Noruega, em Cuba e na China. E' bem possivel que em proximo futuro, seja por suas activida-

des cinematographicas ou por sua disposições de correr terras, vá Fräulein Millner ter á Oceania ou fazer alguma caçada pelos sertões africanos.

Mas, conhecedora de quasi todo o universo, sentia-se a linda itinerante a arder de curiosidade por um pontinho neutro da terra, para onde convergem as visitas de meio mundo: Hollywood! Foi por influencia magica que deu ella entrada na fa-

mosa Mecca cinematographica, munida de um contracto.

Maria Millner deu a sua volta ao mundo como actriz da Companhia Cinematographica Jacoby, de Berlim, a qual tinha por norma filmar os seus assumptos em diversos paises. Uma parte dessa viagem de circumvolução cine-mundial foi feita a suas expensas que a levou pelo mundo a correr terras e a fazer films...

Miss Millner, segundo affirmam, tem um bom numero de interpretações a seu cargo, este anno, indo figurar tambem, de accordo com a organizaçao do quadro de artistas escolhidos, no film "Beau Sabreur", mas não podemos ainda dizer em que categoria. O seu trabalho em "The Drums of the Deserts" foi por demais elogiado e não resta a menor duvida que o seu nome será d'oravante aproveitado para logar de destaque da futura producção da Paramount.

ARITHMETICA CASEIRA...

A ARITHMETICA é a unica sciencia que se aprende melhor em casa. Pelo menos aqui, na minha, é assim: Eu vou "adicionando" tudo o que preciso, os creados vão "subtrahindo", o que pôdem; a esposa vaé "multiplicando" a despeza com a modista; a sogra (oh! pobre sogra!) vaé "dividindo" o casal com intrigas e os filhos "calculando" a melhor occasião de me "matarem na cabeça".

Na minha casa não se faz contas sobre "numeros inteiros".

Todos nós vivemos mais ou menos "fracccionados" ou "quebrados". Dizem que eu não passo de uma "fracção ordinaria", que meus filhos são "dizimas periodicas", que a mãe de minha mulher é uma "raiz quebrada".

Quando eu estou em casa minha esposa vale 10, se estou ausente vale 1. Não é preciso dizer quem é o "zero"...

Eu sou uma espécie de "minimo multiplo commum". Minha mulher é o "Maximo Commum Divisor". Sempre que minha sogra entra na conta, esta deixa "resto".

No fim de cada mez entro com uma "bruta pôse" pela casa a dentro, conduzindo os subsidios do meu mandato de auxiliar de porteiro aposentado do Ministerio da Fazenda.

Todos nós entramos a fazer contas, das quaes em seguida tiramos a "prova dos nove". Quatro dias depois os nossos fornecedores nos tiram a "prova real", o couro, cabelo... e o resto.

Minha mulher eximia mathematica, balanceia as nossas despezas por "partidas dobradas"...

Todas as pellegas de "vinte" ella manda trocar ou partir para dar metade a cada um. Ao chegarem as duas notas de "dez", ella guarda uma e a outra... tambem.

São as taes "partidas dobradas"...

Neste momento o meu cambio faz a sua "aterrissage"... Nos meus bolsos de cima, do casaco, a carteira jaz murcha e secca.



Nas algibeiras do collete algumas miserias pratinhas, (o cambio vaé descendo) e caé até ao fundo dos dois bolsos das calças, sob a fórmula de ávaras e volateis moedinhas de nickel.

Este mez consegui "estabilisar" o cambio na altura do collete, pedindo "algum metal" ao "Dr. Inglez" de Sousa e ao "Dr. Americano" (do Norte) do Brasil.

Lá em casa sempre que se faz a "Regra de Tres" (eu, a mulher e a sogra), apparecem sempre os raios das "incognitas" e se não ha pancadaria grossa para se achar o valor de "x", é porque ao "armar a proporção", allegam que eu sou homem e que não se pôdem addicionar quantidades heterogeneas. Mas, o meu dinheiro fica e é "sommado, subtrahido e dividido" com homogeneidade e... destreza.

No fim de "contas", vivem todos os da familia, mettidos em camisas de onze varas e eu com o juizo a "juros".

O que ficou na
poeira da
semana...



O "inglês" do 280 resolveu, com aprovação dos seus dois companheiros, comprar um novo Ford tipo 1928. Será matriculado, como é de praxe, em Olinda e baptisado com o numero 313.

Esta resolução do loiro funcionario do "Bank of London" é um protesto ás pequenas notas innocentes que temos dado e uma perigosa promessa de novas "piratarías".

O garboso tenente está, segundo declarações proprias, com três noivas a escolher. E' sorte no amor. Além disso pretende casar ainda este anno. Qual será a escolhida pas três. Mas o tenente está tambem com sorte no jogo. E a prova é que acertou num clube de roupas com a dezena. Sorte no jogo, sorte no amor. Que sorte, seu tenente!

Aquelle bonde de "Dois Irmãos"...

Segunda-feira ella ia mesmo certa de que é "muito optima", como diz o joven medico seu ex-amiguinho.

Aquelle bonde de "Dois Irmãos" foi motivo para uma

serie de recordações por parte do moço que ia no banco de detraz. Veio-lhe na memoria um mez de Maio, um hotel, uma cidade do sul... E depois, á noite, no Helvetica, em confidencia do intimo amigo:

— "Seu" Fulano aquella menina está querendo um casamento rico. Ella sabe que é bonita...

E o outro:

— Ella precisa é de uma lição, uma lição bem dada.

E ficaram os dois a combinar sobre qual seria o mestre para dar uma lição na linda morena.

O rapaz que deu na cabeça do Destino... Até parece titulo para fita de cinema ou poesia do Ascenso Ferreira. Mas não é, foi... Foi a historia de um poeta que sahio, armado de machadinha, á falta de outra

arma menos incommoda, e rumou para um bairro afastado da cidade atraz de uma Mimi de arrabalde. Lá, o Destino ferio o. Nem respeitou a machadinha... A Mimi deu o fóra e o rapaz, como qualquer bom caçador, atirando no que viu, matou o que não viu. Arranjou uma outra Mimi para a sua emoção de bohemio moderno. E foi assim que o rapaz deu na cabeça do Destino...

O romance que nasceu pelo carnaval, mercê de um engano na entrega de uma doce mensagem, continúa. Como vae é que ninguem sabe. Entrétanto, parece que vae bem. E se o joven aucto da mensagem e... do engano não tiver labias para enganar o faro de alguns reporters, vamos ter novidades...

Ella é o que se chama uma pequena deliciosa. Elle é feio como um diabo pintado. E isso porque dizem que o outro não é tão feio... A pezar disso, porem, parece que a festa vae acabar em casamento. E se assim succeder, o que dirá ou fará aquella rapaz que está no Rio? Coisas...



DIZ o "Magazine Illustré" que as aranhas são dotadas de grande instinto maternal e que esse instinto pareça mais desenvolvido na "mesaura", a pequenina aranha tão comum nos campos europeus.

A "mesaura" faz um casullo desde o início do verão. Quando nota que seus filhos vão nascer, cessa sua vida errante, trepa para uma haste de planta de pequena altura e ali, a uns cincoenta centímetros do solo, fixa o casullo, tecendo em redor do mesmo uma rede de fios de seda de malhas fortes, porém, muito fechadas.

Desse modo, quando os filhos rompem o casullo e sahem delle, não ficam indefezos no ar livre: encontram-se dentro de uma segunda guarida, que os protege quando todo e qualquer perigo exterior, embora, por suas dimensões, lhes permita grande liberdade de movimento.

A mãe, sempre atenta e vigilante não se affasta delles e fica de sentinella, noite e dia, sobre a esphera de seda. A' medida que os filhos vão crescendo,

ella tece novas capas de rede, que augmentam o volume da esphera protectora: é continua seu incessante trabalho, até que morre, esgotada pelo esforço e o jejum; por que a "mesaura" não come absolutamente coisa alguma durante a sua maternal missão.

SOPRANDO em seu negro clarim, a sinistra deusa de Guerra pairou no céu escurecido. A artilheria desmantelou as casas e assolou as aldeias. Foram assassinados os habitantes, as raparigas foram violadas

e estranguladas. As ruínas incendiadas rumegam para o céu, enchem os caminhos soldados mortos, de olhos esborrachados e nariz martyrizado. Brillhantes de dourado, e de penachos ao vento os vencedores galopam em cavallos rapidos, os canhões rolam sobre os reparos, os carros carrégados de espolios seguem o exercito triumphante, e entretanto pelo campo fóra os touros correm como doidos e vê-se voltear o vôo dos corvos attrahidos pelo cheiro de sangue.

Mas terminada a bel-

la comedia da batalha o fabricante de brinquedos aparta para nova fundição o s soldados mortos ou gravemente feridos e enfileira os que estão bons na caixa de delgado pinho branco. Todavia quando vae para tocar no orgulhoso chefe, o terrivel couraceiro de frente calva, cuja colera faz oscillar o mundo e que tudo consegue pelo franzir do sobre olho duro, esse que faz andar a passo exercitos e imperadores, e tremer os reis, só com o ruido de suas esporas, o astucioso capitão offende-se e mostra-se disposto a organizar a rebellião.

— O que? diz elle assumindo o seu ar de Jupiter, tambem eu para a caixa!

— Sim, volve o fabricante de brinquedos agarrando sem cerimonia, tambem tú para a caixa. Porque se a gente fosse a dar-vos ouvidos, nunca isso acabaria, nunca a loja estaria em ordem. Como se eu nunca tivesse que envernizar as minhas arvores, os meus apriscos e as minhas estrellas! — THEODORE BANVILLE.

Silhuetas e Visões.

ADAGIOS

IV



Que med'inho borracho o Luis Barbella!

U'a cousa estupenda!

Aguardente descia-lhe na gueta,

Que nem aldo de canna na moenda...

Já de longe feria-nos o olfacto

Seu fartum nauseabundo...

E, quando andava aquelle odre sem fundo,

Era pé no caminho, pé no matto...

Vale tudo u'a PINGA, — elle dizia —,

Eu morrerei contente e satisfeito,

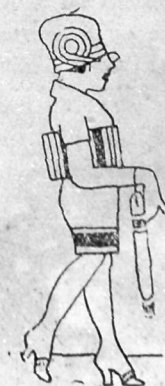
Não me faltando a BRANCA nesse dia.

O desejo cumpriu-se-lhe a preceito,

Pois Barbella morreu quando bebia!

O QUE É DE GOSTO, DÁ REGALO AO PEITO...

OLYMPIO BONALD



o
signal



do
lenço

DIZIA assim a carta do meu amigo:

“Fernando:

A caminho de Avila irá um companheiro meu, no trem de segunda-feira, com os 50 duros que te devo. Ao passar pela estação de Robledo, dar-t’os-á. Para que saibas quem é, aviso-te que vae na 2.^a classe, e na estação terá na mão um lenço. Mostrar-lhe-ás esta carta e receberás o dinheiro.

Teu

Ramon”.

Porque os olhos se me encheram de pavor? Sei lá! Sou tão tímido!

Ademais, essas entregas de dinheiro, quando veem retardadas, são tão difíceis como incertas. Não tenho razão?

Passei dois maus dias, e na segunda-feira despertei muito cedo. O peor era que o trem só passava ás 8 horas da noite. Não importava. A’s 9 e meia da manhã passava um trem mixto.

A’s 9 e um quarto eu passeava na estação, com as mãos cruzadas nas costas. Quando chegou o mixto, e antes de parar, meus olhos moveram-se tres ou quatro vezes, em direcção ao carro de segunda.

O trem parou, e eu, como um policia ou um ladrão, esquadrinhava os vagon, á cata do tal senhor que levava um lenço na mão. Não vi ninguem. Mas tentavam-me as 200 pesetas.

A’s 7 voltei á estação. Comi um pouco, passeando no terraço. Examinei os bolsos: tinha a carta de Ramon e a carteira para o dinheiro.

Sentei-me num dos bancos, aliás incommodos. Tornei a passear. A campanha souou. Pulou-me o coração. Era enorme a minha inquietação.

Surgiu o trem, resfolegante, como se viesse orgulhoso de trazer-me as 200 pesetas.

Corro á 2.^a classe. Rápido, com uma agilidade de

vendedor de jornaes, fixeime na plataforma da frente. Abri a porta, e com a pressa esqueci-me de fechal-a.

Um passageiro berrou-me:

— Eh! moço. Feche-me este raio!

Voltei. Cerrei a porta. Quando quiz percorrer o vagão, um, dois, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito senhores, e outros que sinto não recordar, tinham um lenço na mão, uma constipação no nariz e um grande rancor para o meu gesto.

Não ousei perguntar a ninguem. Sou tão tímido! A ira e a má sorte faziam-me tremer as pernas. Todos os lenços da 2.^a classe pareciam iguaes. Baixei os olhos e sahi pela plataforma posterior, quando o trem se punha novamente em marcha.

Prendeu-se um tacão do sapato e cahi. Nesse momento eu bem podia ter-me suicidado, mas nem me lembrei disso!...

F e r n a n d o P a u

E' curioso assignalar que existe uma ária que nunca poderá ser cantada o u assobiada por qualquer marujo da força britannica, assim como tambem lhes é prohibido esconder dentro do gorro as duas pontas do laço da rita que constitue o ornamento característico de quasi todos os marinheiros do mundo e devem fluctuar livremente.

A ária prohibida é franceza, é a Marcha Funebre, de Chopin. O motivo de tal prohibição, curiosissima, nada tem que possa offender o brio dos francezes.

Em uma epoca já distante, a marinhagem ingleza tentou uma revolta. Os amotinados haviam adoptado como signal de combate a ária do "Marcha Funebre", de Chopin, que deveria ser assobiada pelos chefes revoltosos. Para que se conhecessem entre si, os marujos deviam, além disso, esconder dentro do gorro os dois laços de fita que pendem na nuca. A revolta falhou, porem, a prohibição de tudo quando possa recordal-a, subsiste.



CONSTELLAÇÃO D'ALMA (IMPROVISO)

A Fezê Gomes Coelho

D'entre as constellações que surgem no infinito,
Da treva illuminando as negras vastidões,
Eu não vejo a que iguale ao teu olhar bemdicto
Constellação sublime entre as constellações!

Debalde, a percorrel-o, o meu olhar afflicto,
Busca encontrar do teu todas as perfeições
Esses mundos de luz são pallidos clarões
Que estremecem no azul do espaço indefinito!

Não têm do teu olhar o fogo que o anima,
Esse fogo de amor que é todo o lindo encanto
E que eu busco engastar na lapida da rima.

Si fito o eterno espaço a claridade pura
Das estrellas eu vejo, em teu olhar no emtanto
Eu sinto uma explosão de amor e de ternura!

VELHO SOBRINHO

FASCINANTE por todos os motivos, basta ter sido inventada para uso e gozo da mulher, o que mais irrita na moda é o exagero e o que mais agrada é a simplicidade. A arte de ser simples é por isso mais difficil do que a arte de ser complicado, porque na primeira importa sempre um requinte de bom-gosto que infelizmente não é dado a toda a gente.

Como julgarão os chronistas vindouros as modas do nosso tempo, attendendo a que atravessamos realmente a era da simplicidade? Essa simplicidade é, de resto, mais aparente que real, menos natural que estudada. O mais modesto traje apresenta sempre um conjuncto de detalhes que em parte lhe rouba a simplicidade e lhe accresce motivos que nem sempre se coadunam com o typo da creatura. E essa adaptação da moda ao typo é o que constitue a tortura secular da elegancia, em toda a parte onde a moda, rainha absoluta, impera, manda e desmanda.



M U S I C A



QUANDO nos commentarios que aqui, vez por outra, costumamos traçar sobre musica, suggerimos em Novembro do anno passado, a ideia da realisação de concertos symphonicos entre nós, a nossa palavra echoou atravez da chronica de arte de um dos nossos matutinos.

Dias após, ingressava no seio da "Sociedade de Cultura Musical", a nossa suggestão. Vehiculá-ra a uma proposta apresentada em assembléa geral daquella sociedade, por parte da distincta "virtuose", a sta. Ceição Barres Barretto.

E publicada foi a promessa de que pela direcção technica da Cultura, seria a mesma rigorosamente estudada.

Desse estudo á realidade, acreditamos, tudo iria rapidamente, taes eram as bases da proposta apresentada, a qual em seus pontos principaes, encerrava o quanto era necessario á tentativa almejada.

Dissemos então, em chronica posterior: "Não é, pois, sem grande desvanecimento que d'aqui ficamos a seguir-lhe o rumo da nova orientação (referimos á nossa suggestão e á proposta alludida) o qual terá a nortear-lhe a directriz, a visão esclarecida da direcção technica d'aquella sociedade".

E adiante, perguntavamos: "Será em breve para nós a audição de concertos symphonicos?"

Emtanto, hoje, quatro mezes decorridos, é essa ainda a pergunta que nos salta á imaginação. Parece-nos que o diminuto movimento com que se procurou agitar tão sympathico e util empreendimento, breve se deveu á mingua de forças que lhe assegurassem a continuidade.

Agora, mais que nunca, estamos a precisar daquelle empreendimento, tal é a precaridade em que nos achamos no que concerne á orchestra symphonica.

Assim dizemos, porque a audição das obras do maestro F. Jouteux, deu-nos o balanço da situação em que nos achamos.

Tivemos oportunidade de constatar a quasi impossibilidade de conseguirmos um conjunto symphonico, reunindo numero mais ou menos satisfatorio de elementos.

A nossa insufficiencia nesse ponto, é muito mais grave que a do tempo em que existiu o "Cen-

tro Musica Pernambucano", ha cerca de dez annos passados.

Pelo menos, naquella época foi sempre possível congregiar cerca de quarenta professores de orchestra, numero a que ascenderia, se nos é fiel a memoria, o conjunto do "Centro Musical".

Quem poderá hoje, reunir, com elementos nossos, porque outros não eram os que constituíam a orchestra do extinto "Centro", aquelle numero de professores?

Vimos como á audição do maestro F. Jouteux, faltaram instrumentos taes como "fagote", "óboe", e outros. E como reduzidissimo foi o grupo de cordas: tres primeiros violinos, dois segundos, uma viola, um cello e um contra-basso.

Donde essa involução a que estamos assistindo? A nosso ver, é-lhe factor primordial a ausencia de estímulo, estiolando os derradeiros ramos da nossa arvore orchestral, matando-lhes a iniciativa. Profissionais que são, os nossos musicos de orchestra, veem-se forçados, pela exigencia da vida, a entregarem-se á intermitencia depressiva dos "jazz-band" e das orchestras de cinemas. Fóra dessas funções, nada lhes é exigido das aptidões artisticas.

Assim sendo, não é de extranhar sintamos agravar-se, cada vez mais, a carencia de bons elementos, e a ausencia de alguns, para a organização de uma orchestra symphonica.

Na contingencia em que nos achamos, a objectivação dos concertos symphonicos sob os auspícios da "Sociedade de Cultura Musical", viria actuar como estimulante. Mesmo que no inicio não fosse possível prescindir do concurso de artistas extranhos o estabelecimento dessas festas de arte, atrahiria os nossos estudiosos da musica, faria renascer o gosto entre os artistas, e em breve prazo, era bem possível possessemos preencher com elementos proprios, os claros que actualmente se abrem no meio orchestral.

Que a "Cultura Musical" não esqueça a bella promessa de Novembro do anno passado.

A revista parisiense COMEDIA cita a senhora Laran Collins como portadora de constante mau humor. Que está sempre a embirrar com os exageros da moda, com os lábios pintados, com as maneiras desenvoltas das senhoritas de agora; sobre cabellos cortados ella acaba de manifestar-se a um jornalista como quem se refere a invenção diabolica. E em tudo o mais mette a catana, com azedume e irritação.

Ha, porém, uma circumstancia que justifica o mau humor da se-

« Como um bréjal que, á noite, sussurrasse ao vento,
oh! que desolação é a minha face!
oh! que desolação é o meu pallor de insulamento!

Embora tanto a Dor me maltratasse,
eu nunca tive um ai nem um lamento:
fechei-me todo, como, em surdo e exiguo IN PACE,
um velho frade macilento...

Fechei-me todo. Nunca, aladamente,
meu perfil de bréjal se ergueu ao sol nascente.
Ah! nunca! Elle é bem lodo! é lodo! é apenas lodo!

E' lodo! Mas se o Tedio o sopra em sua era big-
[nharia,
eis que elle exulta, e, como um junco, affla e assovia,
affla e assovia, e canta, e abre-se todo, todo!

PADUA DE ALMEIDA

nhora Collins: no ultimo inverno completou 106 annos.

SE emprestardes dinheiro a um inimigo, é possível que façades d'elle um amigo; se o emprestardes a um amigo, podes ficar certo de que farás d'elle um inimigo. — Benjamin Franklin.

SABER que se sabe o que se sabe e saber que não se sabe o que não se sabe; eis a verdadeira sciencia.

Silhuetas e Visões, a venda.

Astúcia de



soldado

E' sabido que d. Pedro gostava de estudar de perto os costumes dos seus soldados, penetrando a deshoras, disfarçado nas vendas e hoteis onde bebiam.

Encontrando uma noite, em suas excursões aventureosas, em uma taverna, um dos seus soldados, que se distraía em beber, fumar e tomar rapé, não teve o importante mão em si que não lhe perguntasse:

— O lá, camarada, como podes tu sustentar tanto vicio com tão pouco soldo?

— Assim, retrucou-lhe o soldado, mostrando-lhe que até sua espada fôra empenhada ao vendeiro e substi-

tuindo por um similar de pão que figurava illusoriamente á ilharga, na bainha.

Pedro I ouviu e saiu. No dia immediato apresentava-se o principe no quartel a que pertencia esse soldado manifestando desejos de passar em revista o batalhão respectivo, e que teve logar, pondo-se o mesmo em linha de formatura.

Passando pela frente

do nosso soldado, disse-lhe d. Pedro, a queima roupa:

— Sempre ouvi dizer que eras um excellent mestre d'armas e te não quero ficar atraz. Vamos lá. Um passo em frente. Desembainha contra mim a tua espada. Vamos cruzar ferros.

O soldado, astutamente, reportou:

— Saiba vossa magestade que eu preferia morrer a levantar a

espada sobre a cabeça do meu imperador.

— Avia-te, insistiu o principe, contrafazendo o rictus, se não queres apanhar um mez de solitaria.

O soldado quedou estupefacto e depois, com estudado jogo de scena, apostrophando os céos emphaticamente:

— Virgem Nossa Senhora, exclamou, se algum dia esta espada tiver de ser desembainhada contra o meu principe, Nossa Senhora a faça virar espada de pão!

E, num gesto tragico, saccou da bainha a espada de madeira. D. Pedro desatou a rir como um doido e perdoou ao soldado.

Affonso Arinos

CONTO

SEMANAL

Bello Horizonte

ROBERTO
THEODORO

A PRINCEZA QUE AMAVA AS ANGÉLICAS

O VELHO e solitário castelo, adormecido no abandono de velho parque, imergia as suas torres cinzentas entre os finíssimos pinheiros, quês monges recolhendo-se na calma de um templo vasio. Um sino, ao longe, na religiosidade do crepúsculo, tocava o Angelus e, soberba, a vibração da fé, como longo bocejo do passado, morria pelas campanulas esmeraldas dos vegetaes... O sol, como uma cabeça louca num círculo dourado de pó, sumia, pouco e pouco, na almofada concava de rendilhadas fôrmas...

Outr'ora, quando o sol da terra fugia, — as alamedas solitárias do velho parque, lavradas por reflexos vagos, eram toda a vida da princeza que amava as angelicas... Amava-as porque ellas, da tristeza solitária do jardim, embalavam os seus sonhos brancos, com perfume branco, leve como um sonho de opio.

Pelas horas quietas, quando o luar, num momento, abria, suavemente, a lampada de marfim, a princeza, muito branca, descia ao parque e errava o seu vulto, silencioso como um espirito, pela penumbra das alamedas longas... Era a hora em que as angelicas pareciam falar-lhe á alma... Trazia sempre as mãos cerradas, apertadas contra o peito. Quando conservava com as angelicas que, pelos canteiros triangulares do jardim, se espalhavam como um longo véo de espuma fluctuante, sentia que a vida lhe fugia toda...

que o seu corpo leve era tão leve como o fumo de um thuribulo, subindo para o espaço, lentamente...

E a princeza calava... e a princeza sorria...

E a princeza vagava, vagava pelo jardim de luxo, olhando-se com uma satisfação incompreendida. E toda a sua alma, feita silencio, se emmaranhava na trama de um dourado sonho...

Depois, no esplendor da sua côr de thule, assentava-se num banco junto a um lago, tirava do seio um pequeno vidro, que parecia um talisman, e, sorrindo, cheirava-o longamente...

E a princeza dormia.

Por entre as angelicas, passaros vermelhos, bicos longos, eram como nodos de sangue num alvo manto perfumado.

E a princeza sonhava...

Pavões magestosos, graues, passaros pelas alamedas, abrindo ao luar, os longos espennejadores dourados; garças pensativas, immoveis como passaros de gesso, miravam-se na retina verde do

um lago e, mais além, um repuxo despejando no ar poeira de neve, cantava, de mansinho, uma cavatina langorosa.

E a princeza despertava...

E a princeza sorrindo, pousava os dedos longos, transparentes, pelas palpebras cançadas, apertava com as mãos magras, contra o seio, o pequeno vidro...

Certa vez tiraram-lhe o talisman maravilhoso. Parecera enlouquecer. A's tardes descia ao jardim e contava ás angelicas os seus longinquos sonhos de fadas... as suas viagens pelo Ganjes, no mez de setembro, num barco que se mechia sobre as aguas palpitantes, aos sons das frutas da canna e o sussurrar dos bambus...

Quando o sol nascia como uma flôr meio abarta, e os pescadores rolavam suas gondolas pelas aguas resplandescentes, contemplava da margem as mulheres que, num doce falar, enchiam os cantares no "gat". E aquelle Sajahini que a contemplava!...

E a princeza chorava...

Uma tarde ella desaparecera. Quando o luar abria a lampada de marfim, encontraram-na morta na torre da morgadia, comprimindo com os dedos longos, transparentes, um pequeno vidro, embalada pelo perfume branco, pelo ultimo perfume das angelicas...

E a princeza sorria...

Do "Sanatorio".

M u s i c a s e d a n s a s a m e r i c a n a s

AGORA que o JAZZ-BAND, atravessando o oceano, começa a invadir a velha Europa, com escandalo para os musicos que se deixaram ficar com as fórmulas do passado e enthusiasmando os futuristas, a mesma interrogação preoccupa todo mundo: que cousa será o JAZZ?

Muitos jornaes confundindo a dansa americana com a musica, têm affirmado que o JAZZ é um novo bailado. Nada é menos verdadeiro.

O JAZZ é uma orchestra como outra qualquer, á qual alguns instrumentos antigos se foram juntar a outros modernos e que pôde executar qualquer musica.

Não ha duvida que o rythmo é sempre apressado, quando se trata de RAGTIME ou de musica syncopada, e nesse rythmo ligeiro pôde ser executada qualquer musica. No JAZZ-BAND se pôde tocar cançonetes napolitanas, valsas viennenses e até mesmo a nossa modinha chorosa.

Nova-Orleans se jacta de ter creado o primeiro JAZZ-BAND, já lá vão uns bons vinte annos atraz. Nessa época andava pelas ruas da cidade um rapazito, conhecido por "Stale Bread" que vendia jornaes, atrahindo a attenção de seus freguezes com os sons de um harmonium que sempre o acompanhava.

O successo deste achado animou outro garoto a formar uma banda musical que se passou a chamar "Stale Bread Spasm Band",

tendo como instrumentos caixas de charutos e barrilotes, enquanto que o contrabaixo não veio a ser a attracção principal; rapidamente a "Spasm Band" se tornou popular, tocando todas as musicas em voga com um rythmo ligeiro que logo mere-

ceu a consagração dos favores do publico.

Estava assim lançado o JAZZ-BAND, faltando-lhe somente, para a sua victoria definitiva, ser da rua introduzido nos salões.

Pensou nisto um dos mais famosos clubs carnavalescos de Nova-

Orleans e assim entre os seus socios uma orchestra foi formada, dispondo de piano, cithara, piston, contrabaixo e clarinette que, depois de uma semana de ensaios, começou a tocar, "artisticamente", com rythmo apressado, a canção então em franca popularidade: "Bill Bailly, varit you please come home? (Bill Bailly, não te queres casar de novo?).

O successo dessa orchestra, conhecida pelo nome de "Right at Em's Jazz Band", se espalhou rapidamente de Nova-Orleans por todo o vasto territorio dos Estados Unidos. E, mudando de logar, a orchestra foi se tornando mais variada de instrumental com o accrescimento de varios instrumentos que os futuristas chamariam RUMOREJO. Como o JAZZ-BAND se prestava melhor do que qualquer outro para o «two-steps», o «one-steps» e o «fox-trot», depressa ella se espalhou por todos os «bars» e «restaurants» nocturnos. E o «excitement» que os norte-americanos procuram com tanto ardor, elles o encontravam perfeitamente nas noveis bandas musicas.

Nesses ultimos annos um novo passo foi dado para diante, com o desaparecimento quasi completo de todas as orchestras de moldes antigos.

Actualmente ha duas categorias de JAZZ-BANDS: uma perfeitamente caracteristica que toca nos «cabarets, restaurants» e nos salões

Um
grito
na
sombra...



A Armando Goulart, retribuindo

A VIDA... Em vão quizéras que ella fôsse a festa e a gloria de teu Sonho, apenas. A Vida é apenas o que a Dôr te trouxe de convulsão de bárathos e gehennas.

Merecéras fruir o Bem mais doce,
Amôr, venturas, alegrias plenas,
e Amôr, ventura... tudo espiralou-se
nos desesperos a que te condemnas!

Ingenuo, de alma candida e bizarra
vieste a cantar, coroado de chiméras...
Libaste o fêl, sorriste, e ainda hoje cantas.

Canta! Cumpre o destino da cigarra,
já que rugir não podes como as feras,
pelo estertor de todas as gargantas!...

A u s t r o — C o s t a

da sociedade elegante, e outra, mais ou menos italiana ainda, que toca nos cinematographos, nos theatros de variedades e em todos os innumerados theatros onde triumphava a producção theatral mais genuinamente americana, a opereta ligeira, chamada "comedia musical" ou "girls and music show", onde sobretudo, as lín-

das e travessas "girls" dão com sua belleza uma nota vibrante de successo extraordinario.

Entre as orchestras desta cathogoria é celebre a do Theatro da Paz em Nova-Orleans, da qual é empresario um italiano, Bendiazza, dirigida pela batuta do maestro Giuseppe Fulco.

Quem toca o bombo é o personagem mais

importante do "jazz-band", porque, além do bombo, elle toca os pratos, os timbalos, uma especie de tambor, e tantam, um jogo de campanhas, uma buzina de automovel e mais alguns.

Os musicos procuram cada um por seu turno, dar cor e animação á musica, excitando-se de qualquer modo. Assim

não é raro se ver arcos que saltam ao ar, violinos girando, vindo algumas vezes se apoiar na nuca do tocador, os tambores tocados com a testa e o Joelho ou mesmo com o pé, e assim por diante, á vontade de que toca.

Isso tudo era corrente e sufficiente durante a guerra...

Depois do armistício os americanos precisavam de alguma coisa de novo e de mais excitante; uma novidade não tardou a apparecer, não uma musica nova, mas uma nova dança feita para ser dansada ao som do "rumorejo" barulhento: a «Shimmie», dança actualmente mais em vago nos dominios de «Oncle Sam», onde uma canção popular canta o prazer de todo o mundo dansar a «Shimmie» «Everybody shimmies now». (Todos agora dansam a shimmie.) De facto todos dansam a «shimmie»; até um dos governadores de um dos Estados da Confederação já foi visto a dansar-a.

O que é, verdadeiramente, essa «shimmie», que já levantou polêmica pró e contra ella... porém mais pró do que contra?

É uma dança de reminiscencias do batuque dos negros, semelhante á famosa "rumba" hespanhola, mas que difere desta porque não é uma parte qualquer do corpo que se move mas "todas" as partes... excepto os pés!

"Move everything except your feet" ensina o mestre de dansa. E a perfeição é conseguida quando se imprime ao corpo um tremor como



Enlace Aida Gonçalves Guerra — Walfredo Pessôa de Mello

que de gelatina feita em caca: "as home made jelly".

Treme-se todo, pernas, braços e corpo, a-baixa-se e se levanta...

O seu effeito não differe senão conforme as idades, a graça e a proporção de quem dança, mas, certamente, no genero, é tudo menos bello.

E' uma dança que faz todo mundo rir, espectadores e dansantes, e apesar disso todos a dansam com tanto maior fervor quanto mais numerosas são as ligas pró-moralidade dos ministros protestantes e mais a condemnam as mães de familia, stygmatisando-a com os seus melhores anathemas... principalmente a regra da «shimmie», que exige que a perna, direita do cavalheiro esteja sempre adherentemente collada á perna esquerda da dama, durante todo o tempo da dansa.

Num jornal de Nova-Orleans appareceu uma proposta muito ponderada e digna de ser tomada em consideração: que a applicação da tal regra ficasse suspensa durante a estação com os 40° centigrados de temperatura.

Parece entretanto, que até agora não se verificou nenhum resultado da providencia proposta... ao contrario, as estudantes da Universidade do Estado de Luiziania, em Maio, fizeram uma ruidosa manifestação bombardeadora de ovos e bombas, que não eram precisamente perfumados, contra a directoria cautelosa que pretendeu prohibir que as estudantes internadas dansassem a «shimmie»

collado de pernas e remexido de corpo...

A «shimmie» com vistas aos nossos senhores almofadinhas e ás melindrosas colleantes e remexidas.

A's armas! coronel Fortuna!

VICTOR HUGO então em exilio voluntario em Bruxellas, na Belgica, curioso de

saber do exito da sua

Historia de um Crime

que tinha sido dada á publicidade, passou ao seu editor, em Paris, o seguinte telegramma:

— ?

O editor respondeu:

— !

Em materia de synthese telegraphica, parece que o record ficou mesmo com o velho

autor de "La Legende des Siecles".

MUITOS principes têm lamentado, na hora da morte, terem amado a guerra; nenhum delles se arrependeu de ter amado a paz. — MARIA LECZINSKA

SOU bom para quem é bom, e para quem não é bom, tambem. — LAO-TSEN.



Enlace Aida Gonçalves Guerra — Walfredo Pessoa de Mello

C o x i n h a s d e g a l l i n h a . . .

(ROMANCE DE PIM-PAM-PUM)

— Elle dévide le jars ?

— Mince ! Ce wagon-là ?

Margarida tranquillizava-o. A velha não entendia. Em todo o caso, não convinha abusar. Mesmo porque não era nada delicado... Falasse de modo que ella comprehendesse. Madame Bueno Silva, entretanto, fingia comprehender, num sorriso que era antes um esgar. Desattencioso, grosseirão, Robert de Cert encolhia os hombros, olhava o tecto, mal humorado, e insistia :

— Qu'est-ce que tu t'enfiles ?

E porque ella se distraisse, respondendo a uma pergunta de madame Silva, elle segurou-a pela mão, affectando delicadeza, para torcer-lhe o pulso. Margarida já havia percebido a irritação. O garçon aproximou-se e ella pediu, ainda tremula, um abstinho.

Embora não fizesse mais literatura, porque os jornaes e as revistas recusavam sua collaboração desde que o officio da maquillage deixou de escorar as ruinas do tempo, madame Silva conservava o habito de estudar typos. Ali tinha um rapagão apurado em todos os vícios de Paris. Bello exemplar, que os seus olhos encarquilhados admiravam a frio, com a paixão innocente, com o interesse methodico do numismata, do colleccionador... Ao alcance do lorgnon, a figura mysteriosa de que lhe falava Margarida em confidencias intermina-

veis... Robert de Cert, o chronista do "Petit Parisiense"... Mephistopheles modernissimo, que attraira em poucos minutos a melhor de suas presas, para dominar-a completamente em poucos dias... Quantas vezes tentara vel-o ? E elle como que fugia a um encontro... Aquella tarde, á porta do Alvear, não escapara. Encontrara os dois, Margarida e elle. Elle ! Eram todos os signaes.

Forçara a apresentação. Grudara-se ao par. Acquiescera promptamente ao convite muito tímido que a amiguinha lhe dirigira, implorando a recusa num olhar eloquentissimo. Bem sentiu o desapontamento do rapaz. O ar constangido de Margarida ao sentar-se á meza do chá, olhando Robert a medo, como uma cadellinha amestrada, animava aquelle velho coração de onde o amor fóra

despejado para alojar definitivamente a perfidia... Robert tratara-a seccamente, Com a voluptuosidade esteril dos seus sessenta annos gastos na perversão dos sentidos, recebia quasi em extase o tratamento hostil... Provocava-o com phrases coquetes. Exagerava a intimidade com Margarida, falando-lhe em mefias palavras, pondo reticencias intrigantes em expressões banalissimas. E devorava todo um prato de doces com gulodice.

— Reparem — observou, maliciosa. Estamos sendo alvo da curiosidade geral. Juro que não ha de ser por minha causa... Gente atrazada ! O Rio ainda é uma perfeita aldeia, não acha o senhor ? A sociedade scandaliza-se pelas coisas á toa. Não admire se for objecto de comentarios o seu encontro com Margarida aqui, mesmo com a minha companhia... Enfim... Eu é que sei viver nesta horriavel taba. Desprezo os catões, riu-me dos censors... Acredite que desde muito cedo declarei guerra aos preconceitos sociaes. Uma guerra á moderna, utilizando todos os recursos, violando todas as leis, commettendo com elegancia todos os crimes...

— Madame é uma adoravel "blagueuse" — aventurou Margarida, desafiando um olhar severo do amigo.

— Palavra ! E olhem : ainda hoje não poupo nenhuma hypocrisia. A guerra continua...

**Uma canção de luar
sob a
canção do luar...**

Eu passava a pensar uns pensamentos graves...

O luar parecia um canto sobre nós...

Começaste a cantar umas coisas suaves...

Que clara de luar vibrava a tua voz !

Voz de luar ! Luar canção que não fadiga !

Nem se podia então differenciar :

Se era luar tua cantiga !

Se a tua voz era o luar !

Para mim o luar é um passaro que adoro,
um passaro que fala ás almas que andam sós...

Tua canção é o meu luar claro, sonoro...

Ah ! pudesse eu vêr sempre essa canção que adoro
e ouvir sempre o luar que vem de tua voz !

H a r o l d D a l t r o

porém este trabalhava com tanta lentidão que lhe seria impossível terminar a obra em menos de seis mezes. apesar do estímulo de 50 mil francos de premio.

Pensou-se tambem em Wagner, cuja accettazione era duvidosa. Por fim, o libreto foi enviado a Camillo de Locle, director da Opera Comica, e este dirigiu-se ao seu amigos Verdi, o qual, mediante a somma de 150 mil francos, se comprometteu a comprar a partitura da "Aida".

A adaptação franceza, feita por Locle, foi traduzida em versos italianos por Ghislanzoni. Depois, Nutter, archivista da Opera, traduziu



Depois da missa, [quasi santos

para o francez e adaptou á musica os versos de Ghislanzoni, tarefa delicada e ingrata em que se revelou a sua habilidade.

Dest'arte, pela inauguração do Canal de Suez, a obra genial de Fernando de Lesseps, foi levada á scena pela primeira vez a "Aida", opera magnifica que ainda hoje deleita as plateias lyricas do mundo.

Na delegacia :

— Qual é sua profissão ?

— Vendo vidros enfumados, quando ha eclipse...

Se odeias alguém, deixa-o viver, é um supplicio sufficiente.



Bourdinha, o encanto do casal Luiz Ignacio de Andrade Lima



Ouviu a missa e ficou zangada com o photographo

UMA das maiores necessidades das pessoas jovens é a confiança.

E' preciso que os filhos acreditem ter, realmente, nos paes, os seus mais devotados amigos, e nelles confiem absolutamente.

Os paes são os orientadores dos filhos, que a elles devem revelar todos os seus de-

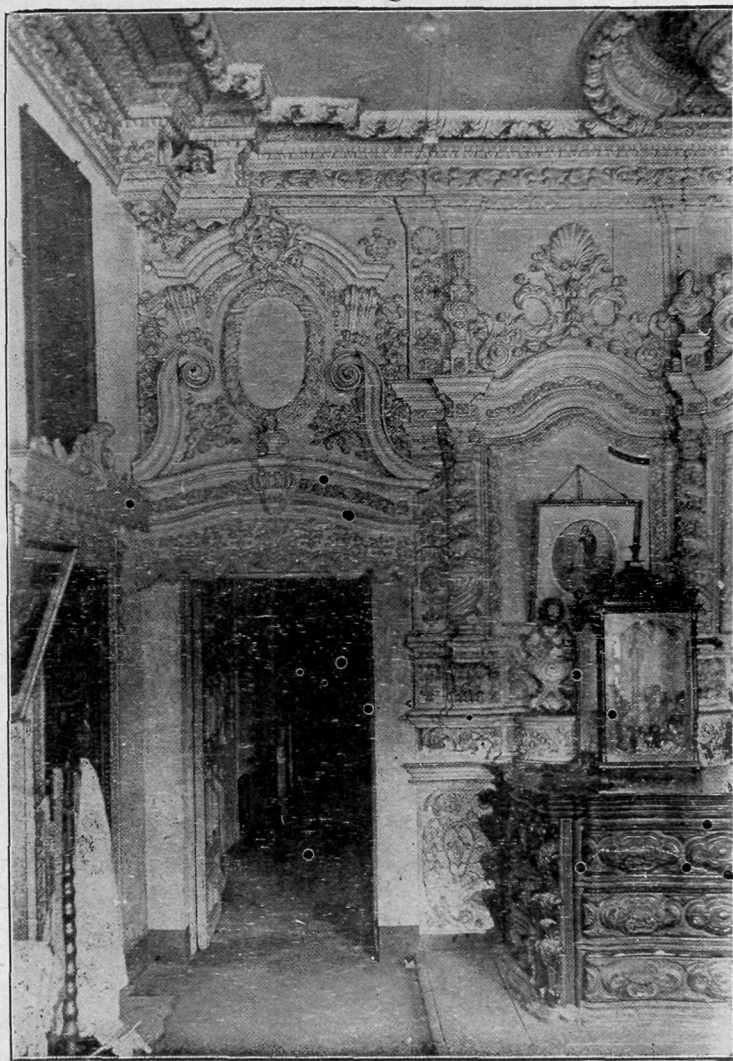
sejos, sentimentos, preoccupações, se quizerem contar com alguem

que lhes seja proveitoso em conselhos e verdadeiro em affeição.



O homem que se esforça em subir para um ideal, é semelhante ao viajor que, ao entardecer, escala uma collina: chegado ao cimo, elle não está mais perto das estrellas, mais elle as vê melhor. — TANNERY.

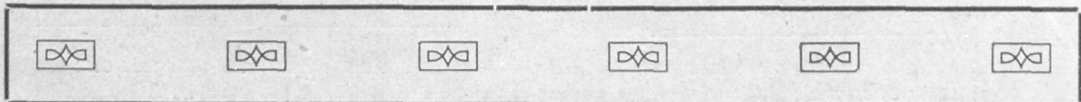
SILHUETAS E VISÕES interessa a todos



As photographias artisticas

O interior de uma velha igreja

M. PARAHIM



S. A. REVISTA DA CIDADE

CAPITAL SOCIAL 200:000\$000

RUA DO IMPERADOR PEDRO II, 207

End. Teleg. REVISTA — PHONE, 6015

DIRECTOR PRESIDENTE — *Adolpho Cavalcanti*
” THE SOUREIRO — *Waltredo Pessôa de Mello*
” SECRETARIO — *José Rodrigues dos Anjos*

OCTAVIO MORAES — DIRECTOR GERENTE

(Toda correspondencia com este endereço)

OFFICINAS APPARELHADAS PARA TODO
TRABALHO GRAPHICO

“REVISTA DA CIDADE”

o magazine de maior circulação em todo
o norte do Brasil e o unico que tem
officinas e organização proprias.

ASSIGNATURAS:

UM ANNO	---	48\$000
SEIS MEZES	---	25\$000

SUCCURSAL NO RIO DE JANEIRO A CARGO DE

LUIZ MENDES

Praça Floriano Peixoto, 19

SALA 78 - 8.º

(Edificio do Imperio)





Para Transporte Economico

1928

*Mais um anno de
formidavel sucesso para*
Chevrolet

O Chevrolet Ultra - moderno 1928

Um lindo carro feito ainda mais lindo !!

Um carro perfeito ainda mais aperfeçoado !!

A. M. Pontual & Cia. - Av. Marquez de Olinda, 133

GENERAL MOTORS OF BRAZIL S. A.